

REFLEXÕES CARTOGRÁFICAS DE UM TRADUTOR DE ARTEFATOS BILÍNGUES EM LIBRAS: MULTIMODALIDADE E TRADUÇÃO

Saimon Reckelberg¹

Valéria Campos Muniz²

RESUMO: Esta investigação apresenta as reflexões de um tradutor, autor da pesquisa, sob a perspectiva metodológica da cartografia (Kastrup *et al.*, 2015) - teorias e práticas - num encontro de duas grandes áreas de estudo: tradução (Holmes, 1988) e multimodalidade (Kress, 2010), especialmente dentro do campo dos estudos da tradução e interpretação em línguas de sinais (Rodrigues e Santos, 2018), e suas inter-relações autonarrativas com o fazer diário de traduzir e trans-criar artefatos bilíngues para a educação de/com surdos. A proposta visa aliar essas teorias à práxis do tradutor para fomentar novas reflexões advindas de uma visão macro dos processos tradutórios educacionais, dos aspectos criativos da tradução e seus agentes, para além do tradutor. Além disso, convida a repensar as metodologias canônicas monomodais de concepção de pesquisa no campo da tradução e incentivar um olhar múltiplo, especialmente imagético, para produzir ciência pelo uso de outras linguagens.

Palavras-chave: tradução educacional; multimodalidade; cartografia.

CARTOGRAPHIC REFLECTIONS FROM A TRANSLATOR OF BILINGUAL LIBRAS ARTIFACTS: MULTIMODALITY AND TRANSLATION

ABSTRACT: This research presents the reflections of a translator, the author of the research, from the methodological perspective of cartography (Kastrup *et al.*, 2015)—theories and practices—in a meeting of two major fields of study: translation (Holmes, 1988) and multimodality (Kress, 2010), especially within the field of translation and interpreting studies in sign languages (Rodrigues and Santos, 2018), and their self-narrative interrelations with the daily practice of translating and transcreating bilingual artifacts for the education of/with deaf people. The proposal aims to combine these theories with the translator's praxis to foster new reflections arising from a macro-view of educational translation processes, the creative aspects of translation, and its agents, beyond the translator. Furthermore, it invites a rethinking of canonical monomodal methodologies for designing research in the field of translation and encourages a multifaceted perspective, especially image-based, to produce science through the use of other languages.

¹ Tradutor e intérprete de Libras-Português do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Bilíngue (INES). Orcid: <http://orcid.org/0009-0003-1852-3950>. E-mail: saimonr@ines.gov.br.

² Professora Adjunta do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Doutora em Língua Portuguesa (UERJ). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5267-9479>. E-mail: valcammuniz@ines.gov.br.

Keywords: educational translation; multimodality; cartography.

Tradução é um fenômeno colorido.

Klaus Kaindl

Introdução

Este texto é resultante de uma pesquisa em curso nascida das experiências e reflexões de um tradutor e intérprete educacional de Libras-Língua Portuguesa, suas percepções e concepções de materiais e/ou artefatos didáticos bilíngues. Considera-se, nesse movimento de tradução e criação desses materiais, a visão do pesquisador frente aos desafios dessa função.

A investigação acontece no bojo do Mestrado Profissional em Educação Bilíngue de Surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A partir de uma perspectiva cartográfica, serão (re)pensados os processos tradutórios exigidos para uma tradução educacional, bem como de que maneira as percepções, redes e experiências do tradutor afetam o processo criativo dessa concepção.

Pela natureza e limitações deste texto, quanto ao próprio gênero e extensão, o objetivo é apresentar um compilado de reflexões cartográficas iniciais frente às descobertas investigativas, sejam por meios bibliográficos - teorias, teóricos e leituras -, por meios narrativos e autonarrativos, sejam por intermédio de redes de profissionais do trabalho, da prática de tradução e da práxis, que advém desse movimento de retroalimentação entre teoria e prática.

Assim, para construção e desenvolvimento da ação investigativa, o autor-tradutor buscou narrar suas vivências, experiências e percepções a partir de dispositivos metodológicos próprios da pesquisa cartográfica. Para tal, foram utilizadas ferramentas, como o diário de pesquisa e as cartografias multimodais (dispositivos autorais criados no bojo da pesquisa), dialogando com os estudos sobre narrativa para a proposição desse artefato visual de experimentação da investigação. Tal proposta é atravessada pela multimodalidade, na constituição da pesquisa em si, num movimento consciente de se pensar a pesquisa sob um prisma mais visual, com o objetivo de “ensurdecer”³ (RIBEIRO; JANOARIO, 2019) também

³ Os autores defendem o "ensurdecer" como gesto político, isto é, um ato afirmativo da matriz surda de existência como fonte de saberes, culturas, conhecimentos, identidades etc. Assim, no que diz respeito à pesquisa, de acordo

o fazer pesquisas em tradução sobre línguas de sinais. Há, neste dispositivo, a ideia de valorização do visual, do múltiplo e de outras linguagens, no processo de produção do conhecimento.

A partir dessas considerações, apresento uma série de reflexões nutridas pela pesquisa em desenvolvimento e compartilhada neste artigo. Como tradutor intermodal, de uma língua espaço-visual e outra oral-auditiva, ou seja, línguas de modalidades diferentes, faz-se necessário pensar num processo de tradução voltado à valorização das linguagens, em especial, do visual, pensando nas especificidades da Libras, língua alvo da tradução.

Essa reflexão inicial, por si só, provoca a constituição desta pesquisa cartográfica num viés interdisciplinar pensado a partir dos Estudos da Tradução (HOLMES, 1988) e da Multimodalidade (KRESS, 2010), ambos refletidos sob o olhar dos ETILS, estudos da tradução em línguas de sinais. O entrelaçar dessas áreas se dá dentro do contexto educacional e influencia na constituição do TILSP, como sujeito tradutor, educador e transcriador de artefatos bilíngues, conforme as reflexões tecidas na pesquisa em andamento revelam. Este artigo também reflete sobre a relação próxima e retroalimentar entre as funções de intérprete educacional e tradutor educacional, e como as aprendizagens e atribuições, envolvendo interpretações educacionais e suas funções pedagógicas, podem contribuir para estratégias criativas de tradução nesse contexto (ALBRES, 2015).

Finalmente, no diálogo com as áreas aqui mencionadas, o texto entrelaça experiências e narrativas, propondo, a partir das questões levantadas, pensar um possível fluxo operacional de tradução educacional baseado na cartografia do autor-tradutor, alicerçado em sua trajetória formativa e profissional repleta de tantos encontros, vozes e reflexões.

O percurso metodológico cartográfico

Inicialmente, trazemos um recorte da metodologia da pesquisa em andamento, que se utiliza da cartografia do autor-tradutor, valendo-se de dois dispositivos metodológicos principais: i) o diário de pesquisa, para fomentar a autorreflexão do pesquisador e promover a recuperação e organização de memórias, experiências, vivências, eventos formativos etc. e, ii)

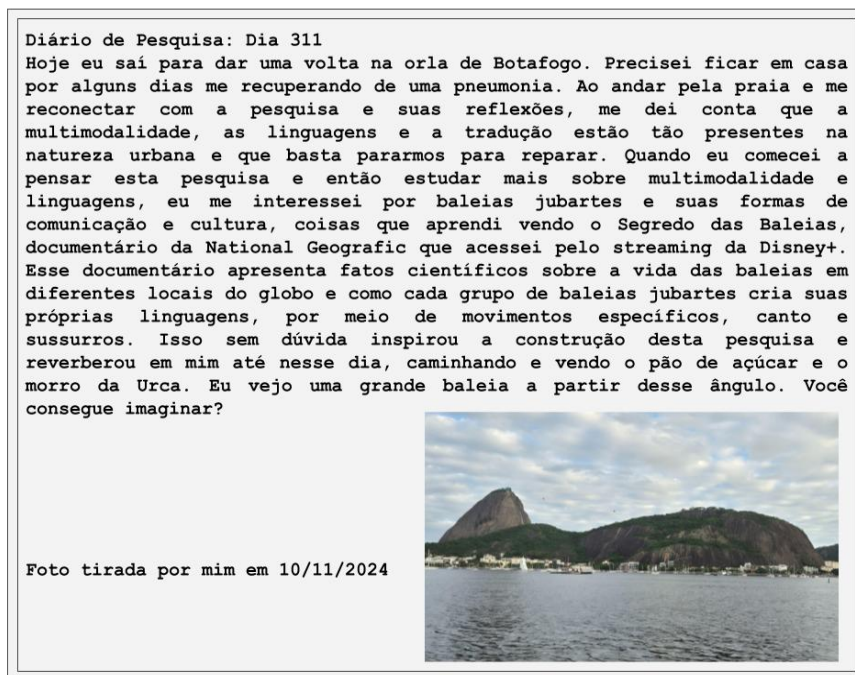
com a ideia, precisamos nos desafiar a pensar e criar modos de viver e realizar a investigação que abracem a condição que a surdez, enquanto experiência cultural e linguística singular, coloca: a visualidade. No contexto da pesquisa em Educação de Surdos e/ou envolvendo Línguas de Sinais, como a Libras, faz-se importante lançar mão de dispositivos visuais para a criação/coleta de dados, bem como para a apresentação das reflexões/ resultados da ação investigativa.

um dispositivo inspirado na cartografia narrativa e no desafio ético, estético e político de buscar outros modos e linguagens para construir a pesquisa, intitulado de cartografia multimodal. Sendo assim, o percurso escolhido permitiu organizar visualmente as narrativas do tradutor-autor, com o intuito de pensar a concepção da pesquisa também de maneira múltipla, multimodal, em virtude da variedade de modos existentes no processo de tradução.

As reflexões e considerações tecidas até aqui nos permitem afirmar, com segurança, que a ação investigativa que impulsionou a escrita deste texto não coaduna com as ideias de neutralidade, objetividade e distanciamento como condições de cientificidade ou de validade à pesquisa. Ao focar nas experiências do autor-tradutor, na sua trajetória formativa e profissional, por meio de suas memórias, narrativas, relatos, entre outros dispositivos, a investigação em questão se inscreve no campo narrativo, porque possibilita a aproximação aos sentidos construídos, tensões vividas, desafios, além das concepções dos sujeitos através da narrativa, tomada como fenômeno investigado e modo de operar metodologicamente. Em outras palavras: é por meio de relatos, histórias, narrações, notas em diário de campo, desenhos, cartografias, imagens, conversas que a ação investigativa ganha corpo, onde vida e pesquisa se confundem num caminhar rizomático e pós-estruturalista, advindo das ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari (KASTRUP *et al*, 2015; DOURADO; MORAIS, 2020).

Nesse sentido, a atuação diária do autor-tradutor fez parte da pesquisa, resultando numa investigação encarnada, alicerçada na vida, nas angústias, desafios e aprendizados. Para tanto, foi fundamental a criação de um diário de pesquisa para refletir sobre sua prática, de tradutor educacional, e tecer diálogos com outras pesquisas e literaturas da área. O diário foi construído sob uma proposta informal, em que diariamente marcam-se pontos importantes da trajetória do autor-tradutor na concepção da pesquisa, limitações encontradas e alegrias advindas das etapas alcançadas na formulação da investigação. É um diário multimodal, feito em português escrito, mas com imagens, metáforas, esquemas, *prints* de redes sociais, reflexões e descobertas. Abaixo, apresenta-se um exemplo retirado da pesquisa de Dissertação em andamento, que ilustra um dos momentos registrados no diário do autor-tradutor.

Figura 1 - Diário de pesquisa do autor



Fonte: Os autores

Além do diário, com o intuito de “ensurdecer” (RIBEIRO; JANOARIO, 2019) a investigação, no fazer pesquisa na Educação de/com Surdos, as reflexões tecidas na dissertação também se voltam para um dispositivo visual, com a ideia de apresentar justamente as reflexões do autor sob um prisma multimodal, mais visual. Este dispositivo, pelos limites do texto, não será aprofundado neste artigo.

O caminho metodológico trilhado por meio desses dispositivos propiciou reflexões aprofundadas e polifônicas sobre as teorias, as áreas abordadas e sobre o reconhecer do sujeito tradutor como um agente múltiplo, imbuído de outros papéis em sua própria constituição: neste caso investigado, o de tradutor, educador e transcriador.

Reflexões sobre tradução, interpretação e multimodalidade

A diferença procedimental inerente entre a interpretação educacional e a tradução educacional, embora pareça evidente, causa muitas dúvidas e confusão no cotidiano das instituições de ensino com alunos surdos. Apesar dessas funções (tradução e interpretação) demandarem aspectos similares, para além do tradutório e do interpretativo, possuindo forte caráter educacional (ALBRES, 2015), a interpretação tem caráter efêmero, momentâneo, e não

proporciona, em diversos contextos, a possibilidade de uso de outras mídias digitais ou processos de animação e edição de vídeos, por exemplo. A interpretação ocorre usando recursos, na maioria das vezes, presentes naquele momento em sala de aula, como quadro, para apontamentos, ou ainda objetos e figuras presentes no momento da interpretação. A interpretação é única, não repetível e ocorre naquele espaço-tempo, especificamente sob demanda requisitada pelo discurso, oral e/ou visual, do professor que está sendo interpretado. Rodrigues e Santos (2018) deixam clara a característica que marca a realização de uma interpretação:

(...) ao ter como matéria-prima o discurso em fluxo, o profissional trabalha, na maioria dos casos, em contato direto e imediato com o autor do texto e com o público e, portanto, o resultado de seu trabalho vai sendo conhecido à medida que desaparece, visto não possuir registro automático (RODRIGUES; SANTOS, 2018, p. 3).

Já a tradução conta com possibilidades de outras linguagens, que atravessam o pensar e constituem a tradução nesse contexto, antes mesmo da efetivação da tradução por meio da gravação em vídeo. Os recursos multimodais atuais advindos das inovações tecnológicas e equipes multimídias, muitas vezes envolvidas na produção, possibilitam ao tradutor de material didático um produto final mais dinâmico, didático e múltiplo. Em continuação, Rodrigues e Santos (2018) também pontuam características importantes da tradução em comparação com a interpretação, que tem:

(...) como matéria-prima o texto pronto e disponível em dado suporte, o profissional pode trabalhar sem contato direto com o público e, portanto, o resultado de seu trabalho, devidamente revisto e refinado, será automaticamente registrado com o objetivo de durar (Idem, 2018, p. 2).

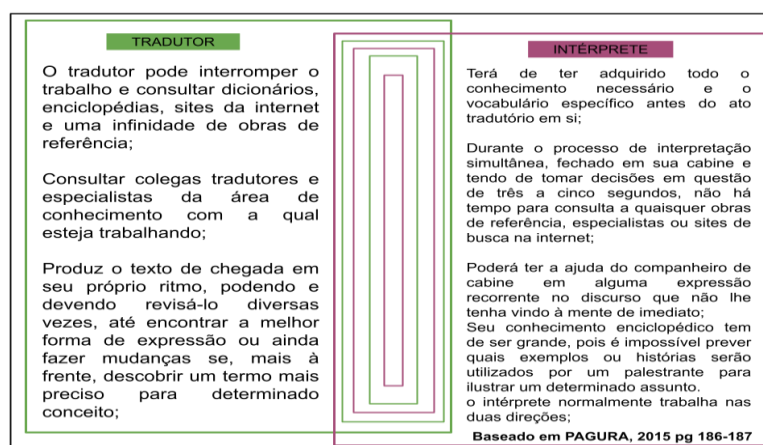
Os autores apresentam características básicas inerentes a qualquer contexto, seja de uma interpretação ou de uma tradução. Porém, as reflexões aqui focam no contexto educacional e servem como norteadoras às reflexões propostas nesta pesquisa, que parte dos Estudos da Tradução, campo mapeado e proposto por Holmes (1988) e ampliado depois por outros pesquisadores da área, como Williams e Chesterman em 2002, conforme apresentam Vasconcellos & Junior (2009), e Chesterman (2014).

De maneira geral, Pagura (2015), discorrendo sobre essa diferenciação entre as funções, apresenta alguns aspectos importantes. Por exemplo, o autor cita que ambas têm suas funções

interligadas a línguas e procuram sobrepor as barreiras linguísticas existentes entre duas comunidades, porém a tradução está mais centrada na escrita e a interpretação, na língua oral (PAGURA, 2015, p. 183). O autor ainda explica que ambos os profissionais, tradutor e intérprete, “devem ser pessoas capazes de compreender e expressar ideias relacionadas às mais diferentes áreas de conhecimento humano, sem ser especialistas nessa área” (Idem, 2015, p. 186).

Entre as diferenças, Pagura (2015) elenca o ritmo de trabalho, o volume de produção menor de uma tradução em comparação com uma interpretação simultânea, o processo de revisão de tradução, que não ocorre na interpretação, e, ainda, questões relacionadas à concentração, memória e análise que diferem em ambas as funções. Apresentamos essas diferenças elencadas por Pagura (2015) abaixo em forma de esquema visual.

Figura 2- Tradutor *versus* intérprete



Fonte: Os autores

Partindo então do sujeito tradutor, em suas características, experiências e funções, entendemos que construir e traduzir um material didático envolve, no mínimo, três esferas: (i) tradução (ii) educação e (iii) multimodalidade. Nesse sentido, concebemos o sujeito tradutor como um agente transcriador do processo tradutório entre línguas, entendendo-o como “uni-múltiplo” (Oliveira e Alves, 2008), como um agente educador e transcriador da tradução para fins educacionais.

Quando pensamos em transcrição, recorremos primeiramente às ideias filosóficas sobre tradução de Walter Benjamin (2008) que originaram o conceito proposto por Haroldo de Campos (2011) em suas traduções poéticas. Para Haroldo, a tradução é uma recriação estética,

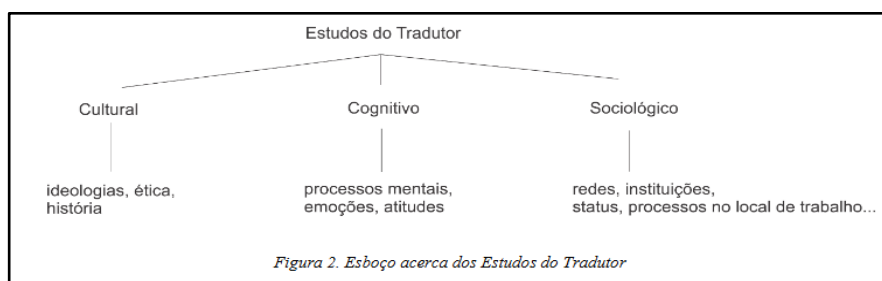
especialmente no caso da poesia, que visa transcriar o valor estético, mesmo que para isso se altere a forma literal. De maneira sucinta, Walter Benjamin oferece a base teórica e filosófica que inspirou uma visão estética da tradução, enquanto Haroldo de Campos, por sua vez, radicaliza essa visão, propondo a transcrição como um gesto poético e autoral, em que o tradutor é também coautor. Campos propõe, assim, a transcrição para revelar a energia estética e criativa do texto original.

Essa ideia se alinha às reflexões apresentadas por Chesterman (2014), que discorre sobre a sociologia da tradução mais profundamente, com base na proposta inicial do Mapa de Holmes. A sociologia da tradução, concebida após a virada sociológica nos Estudos da Tradução (CHESTERMAN, 2006), leva-nos a considerar três áreas emergentes dessa virada: a sociologia das traduções; a sociologia dos tradutores; e a sociologia do traduzir, esta última envolvendo os processos de tradução (CHESTERMAN, 2014). Essas áreas centrais envolvem exatamente a pesquisa aqui desenvolvida, focada no tradutor e na ação de traduzir. Para Chesterman (2014):

A sociologia dos tradutores abrange questões como o estatuto de diferentes tipos de tradutores em culturas distintas, a remuneração, condições de trabalho, modelos e hábitos do tradutor, organizações profissionais, sistemas de acreditação, redes de tradutores, direitos autorais e assim por diante. Questões de um tipo diferente sobre esse assunto são relativas a gênero e orientação sexual, relações de poder, e como esses fatores afetam o trabalho e as atitudes do tradutor. (CHESTERMAN, 2014, p. 37).

O autor ainda procura mapear a ideia apresentada acima, os estudos do tradutor, para complementar os estudos de Holmes (1988) e o seu mapa, conforme podemos observar na figura abaixo:

Figura 3 - Estudos do Tradutor



Fonte: Chesterman (2014, p. 39).

Nesse sentido, está em foco o sujeito tradutor, seus processos mentais, ideologias, ética, redes e processos tradutórios exigidos em seu ambiente de trabalho. O convite sociológico de Chesterman (2006), para olhar o sujeito tradutor e suas demandas, está em consonância com a proposta de pesquisa cartográfica aqui apresentada, pensando o tradutor como agente cultural fundamental no processo de produção - tradução e transcrição - de materiais didáticos bilíngues em Libras. Para Chesterman (2014):

Estudos do Tradutor englobam pesquisas que se concentram, principal e explicitamente, nos agentes envolvidos na tradução, por exemplo, em suas atividades ou atitudes, na sua interação com o meio social e técnico, ou na sua história e influência. (CHESTERMAN, 2014, p. 40).

Assim, esse tradutor é pensado a partir da ideia de Haroldo e Augusto de Campos, no livro Traduzir & Trovar (1968), em que trovar traz a ideia de criar, de reinventar. Nessa perspectiva, traduzir é reinventar, criar. Estes autores se inspiram na ideia de tradução como transcrição, influenciados pelo filósofo, crítico literário e tradutor alemão Walter Benjamin (2008), que conduziu um estudo profundo sobre a linguagem e a experiência humana. Segundo Eloiza Gurgel Pires (2014, p. 813), em seu artigo intitulado "Experiência e linguagem em Walter Benjamin", para Benjamin, "[a linguagem] é pensada como campo no qual emerge uma intrincada rede de relações entre conhecimento e experiência. Para o filósofo, a linguagem é o médium espiritual e histórico da experiência".

Quando trazemos a perspectiva poética da tradução benjaminiana para embasar os estudos na área da tradução de material didático em Libras, é em virtude do aspecto libertador e criativo que impactam o trabalho de tradução na esfera educacional, que é também um fazer multimodal. A teoria da transcrição de Haroldo de Campos (2011) redefine a tradução poética como um gesto criativo, onde o tradutor trans-cria o original e recria sua estrutura poética interna, mantendo uma relação isomórfica e crítica com o texto de partida⁴. É transformação, inventividade e fidelidade estética reinventada. Para Campos, o tradutor age também como criador e crítico, para além de tradutor.

⁴ Campos usa o conceito de isomorfismo para expressar que o original e tradução são autônomos mas conectados por uma equivalência estrutural, mantendo paralelismo na organização estética, mesmo sendo em línguas diferentes, conforme o texto Transcrição e Crítica Literária – Haroldo de Campos e o papel epistêmico do ícone <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e85828>.

Ou seja, a ideia benjaminiana de que um tradutor para traduzir um poema é necessariamente um poeta também, pode ser adaptada para se pensar o tradutor educacional como um educador, que, para conseguir traduzir um material didático, precisa também educar.

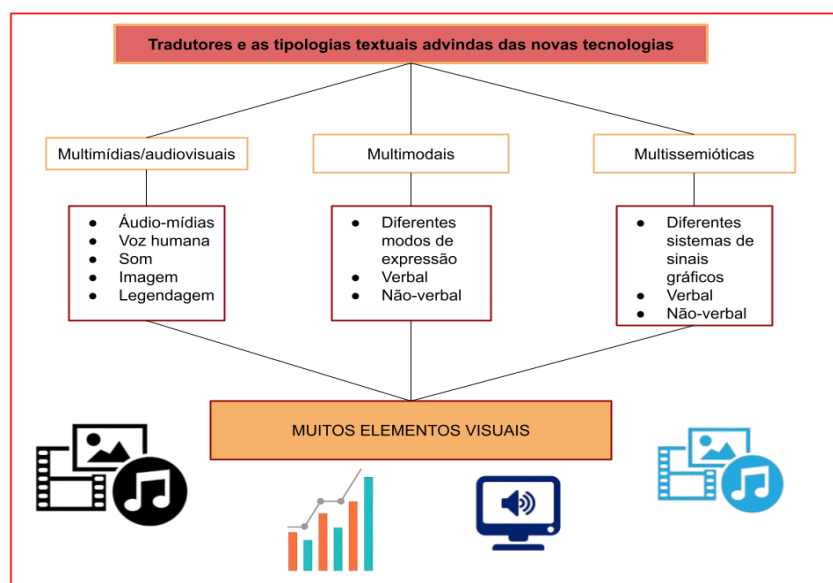
Nesse contexto, destacamos a tradução como um fenômeno transcriativo, inventivo, colorido (KAINDL, 2020). Um processo feito pelo tradutor e por muitas mãos, agentes multidisciplinares, para alcançar um objetivo educacional transformador nos alunos, no caso deste estudo, alunos surdos. Pensar o processo tradutório como algo criativo - transcriador - proporciona pensar a inter-relação entre tradução e multimodalidade, o que nos leva às investigações de Lemos (2021). Tais investigações partem da noção de que as interações humanas se dão, ou demandam, aspectos multimodais (Lemos, 2021). Conforme os estudos da Multimodalidade (KRESS, 2010), um texto é constituído por vários modos, visual, auditivo, espacial e gestual, e, na atualidade, a era digital impõe um mundo multifacetado, em que, cada vez mais, faz-se necessário saber interpretar linguagens não-verbais, com suas modalidades e semioses diversas.

Pensando nisso, Lemos (2021), apresenta-nos um resgate importante sobre essa relação, tradução e multimodalidade, que nos faz refletir sobre a importância da multimodalidade em traduções no campo dos ETILS, Estudos da Tradução e Interpretação em línguas de sinais (RODRIGUES; SANTOS, 2018), e como pesquisadores no Brasil e no mundo têm-se apropriado da multimodalidade para traduções mais significativas. Nesse panorama, teóricos importantes, como Kaindl (2020), ampliam o conceito de tradução intersemiótica - inicialmente proposto por Jakobson (1959) - para a virada da multimodalidade nos estudos da tradução.

Kaindl (2020, p. 53) define a tradução como um “fenômeno colorido”, metáfora para enfatizar a complexidade e multiplicidade inerente a esse fenômeno, desprendendo-se das definições acadêmicas canônicas, que ligam a tradução às perspectivas da linguagem na linguística textual - monomodal -, partindo para uma leitura multimodal dos aspectos envolvidos numa tradução, com seus diferentes modos de expressão verbal e não-verbal (Lemos, 2021). Inclusive, o autor destaca as muitas possibilidades advindas dessa inter-relação, que proporcionam a criação de diferentes tipologias textuais: multimídias, multimodais e multissemióticas⁵.

⁵ O termo tipologia textual, aqui, segue a proposta de Lemos (2021), envolvendo as áreas de pesquisa em Tradução e Multimodalidade, e não o conceito de tipologia textual da área da Linguística Textual.

Figura 5 - Tipologias textuais e tradução baseado em Lemos 2021



Fonte: Os autores

Essa ideia de textos multimodais nos leva a refletir também sobre a concepção de uma tradução especialmente pensada para abrigar as novas mídias e linguagens advindas do uso diário das tecnologias comunicacionais e o seu uso no ambiente educacional. Surge, nesse sentido, uma indagação de como a multimodalidade interfere no trabalho enquanto se planeja a pré-produção de um material didático? Quais elementos extratextuais precisamos considerar? De que maneira, agentes como editores, animadores e/ou roteiristas audiovisuais interferem no trabalho do tradutor? Nesse contexto, e partindo da proposta de Galasso *et al* (2018) o processo de criação de um material didático se daria dividido entre três principais processos: a pré-produção, a produção e a pós-produção. A pré-produção envolve o recebimento do material bruto a ser traduzido, passando por outros agentes como o professor, autor do material, o revisor da tradução e o próprio tradutor e seu processo de conceber a tradução, usando estratégias possíveis para registro de uma tradução intermodal, neste caso Libras e português, sendo o uso de glosas em português uma opção para registro dos sinais e estratégias tradutórias que serão gravadas no momento da sinalização.

A produção em si engloba a gravação do material em Libras com apoio da glosa, caso eleita como estratégia de registro e supervisão da sinalização. A pós-produção acontece após a gravação concluída e revisada, com o armazenamento do material gravado, edição, videografismo, legendagem e locução, caso esses processos sejam incluídos no produto final.

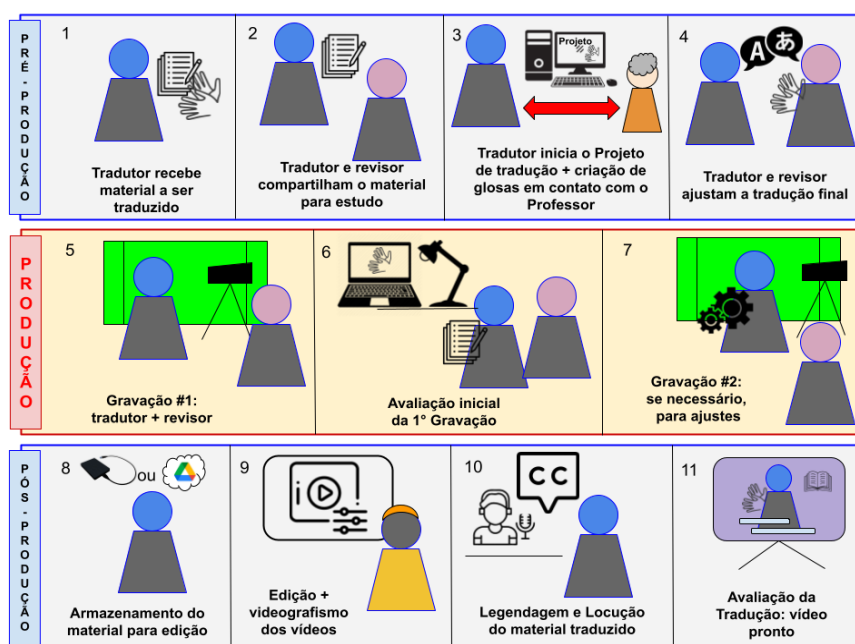
Assim, pensar em conceber traduções educacionais multimodais nos move a entender e mapear um processo, uma operacionalização desta tradução, para vislumbrar inclusive

possíveis estratégias de tradução com uso de outras linguagens, como a visual, por exemplo. O processo de tradução de um material didático não é um processo único, feito por um profissional apenas, mas uma ação coletiva, envolvendo muitos agentes interdisciplinares, constituindo um processo múltiplo, com várias etapas, técnicas e saberes. Os autores Lemos e Silva corroboram essa ideia dentro dos ETILS quando explicitam:

No âmbito das línguas de sinais, bem recentemente, entende-se a tradução como um produto (CARNEIRO, VITAL, SOUZA, 2020; RODRIGUES, 2022, 2023; VITAL, 2023), mas que precisa ser construído por meio de um projeto, planejando e elaborando um texto-vídeo sinalizado, com inserções de muitos elementos multimodais, além de demandar a produção de vídeos em estúdio, com filmagem, gravação, edição e pós-edição (LEMOS, 2023, p. 82; LEMOS; SILVA, 2024, p.4).

As etapas apresentadas se iniciam no esquema visual depois de uma pré-etapa fundamental: o encontro entre o professor proponente e autor do material didático com a equipe multidisciplinar encarregada da produção e tradução deste material. Nessa pré-etapa, ocorrem as negociações da produção entre os agentes envolvidos na concepção do material. Aqui, o professor apresenta a ideia do material, esclarece conceitos importantes com o tradutor e recebe instruções sobre como será o funcionamento da produção da tradução da Língua Portuguesa para a Libras. A seguir, apresentamos um esquema visual sobre o fluxo da tradução concebido neste estudo:

Figura 5 - Etapas da produção baseados em Galasso et.al (2018, p.61)

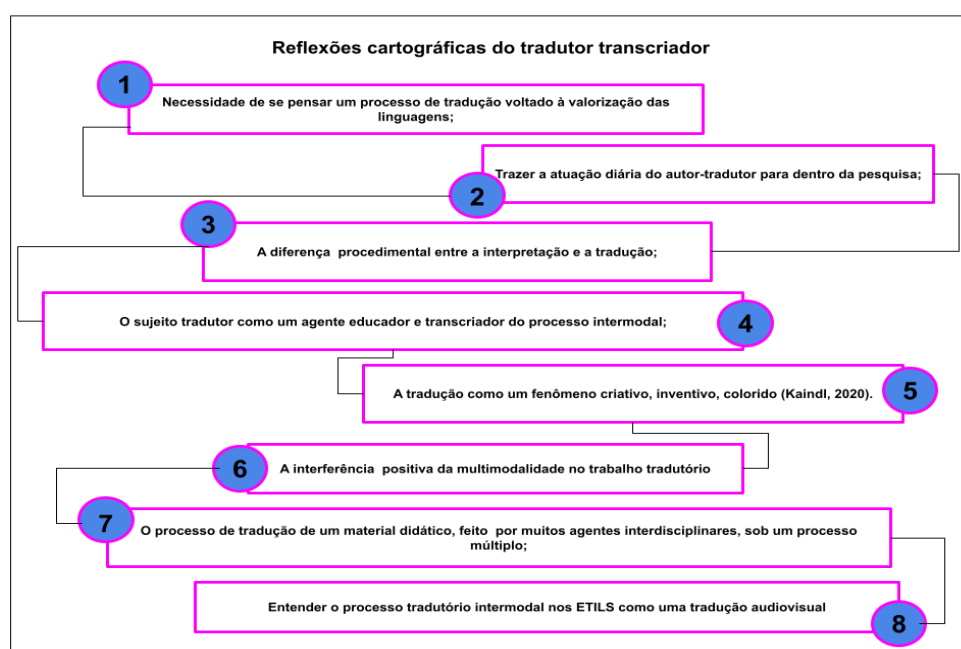


Fonte: Os Autores

Por intermédio desse esquema, procurou-se cruzar as reflexões cartográficas do tradutor-autor com as pesquisas na área de tradução nos ETILS, oferecendo uma visão geral dos processos multidisciplinares presentes na formatação de um material didático traduzido do português escrito para a Libras, num movimento multimodal de transformar um texto escrito em um texto sinalizado em Libras. O processo não envolve apenas o tradutor, mas o professor, autor do conteúdo em português e o tradutor revisor, podendo abranger ainda outros agentes, como equipe de gravação, editores de vídeo e/ou videografistas, legendista, locutor, roteirista audiovisual, envolvidos no controle da produção dos processos. Isso se dá, especialmente, se pensarmos como esses outros agentes colaboram e interferem no produto final de uma tradução multimodal e transcriadora, em que todos os envolvidos trabalham em prol do projeto pensado para a constituição do material didático proposto. Nesse sentido, é fundamental pensarmos a tradução intermodal de artefatos bilíngues em Libras pelo viés da TAV e da TALS, respectivamente, Tradução Audiovisual e Tradução Audiovisual em línguas de sinais (SANTOS, 2020).

A tradução de um material didático multimodal, portanto, exige trabalho em equipe, além de uma relação próxima entre professor-autor do material e tradutor-transcriador desse material. São vários profissionais para várias linguagens; um produto final e várias modalidades. Abaixo algumas reflexões do autor-tradutor frente às discussões apresentadas aqui.

Figura 6 - Compilado das reflexões cartográficas



Fonte: Os Autores

Considerações finais

A ideia de investigar os tradutores, pensar seus processos à luz das teorias dos Estudos em Tradução de Línguas de Sinais, entender as etapas de produção de materiais didáticos bilíngues e, por fim, repensar possibilidades sobre como fazer pesquisa de/com surdos pode abrir possibilidades novas e criativas para fortalecer a Educação Bilíngue de Surdos como modalidade de ensino no Brasil e agregar soluções para o campo dos ETILS. Nesse movimento, a cartografia como metodologia vêm ganhando força, nesse entrelaçar entre teoria e prática, assumindo o desafio de viver/pensar o processo investigativo com os surdos ou atento à visualidade, justamente pensando na característica *sine-qua-non* das línguas de sinais.

Dessa forma, este artigo, fruto de uma pesquisa em andamento, vivenciada pelos autores em diferentes papéis (orientadora e estudante), procura apresentar esses processos cartográficos por meio das reflexões de um tradutor frente aos desafios de pesquisar sobre suas funções. Ao investigar suas práxis, teoriza a respeito dos processos tradutórios imbuídos na tarefa transcriadora e multimodal, que o contexto educacional exige, apresentando meios metodológicos visuais para melhor expressar suas narrativas, cartografando-as, num movimento de ensurdecer também as pesquisas sobre surdos e surdez e incentivando aspectos ligados ao letramento visual e a multimodalidade.

A partir desta pesquisa, portanto, apresentamos um esforço consciente de gerar um entrelaçamento entre linguagens que mobilizam, no contexto educacional, professores, tradutores e alunos para um pensar pedagógico-tradutório mais factível à modalidade de Educação Bilingue de/com Surdos. Essas breves considerações, ainda em andamento, expuseram reflexões do autor frente ao movimento de pesquisar sua função à luz das teorias abordadas. Esses cruzamentos, ideias e propostas confluem para um olhar particular do tradutor de materiais didáticos bilíngues e seus processos multimodais na constituição do fazer tradutório, nas possibilidades de transcriar e em seus atravessamentos por outros agentes.

Essas reflexões iniciais fomentam um pensar sociológico da tradução no encontro das ideias sobre multimodalidade e educação de/com surdos, refletindo a atuação deste tradutor educacional e seu trabalho singular na concepção de materiais didáticos, de maneira inventiva e transcriadora. Além disso, suscita outras reflexões acerca dos processos tradutórios e da singularidade dos contextos em que cada tradutor se insere, trazendo indagações de como o campo dos estudos da tradução de língua de sinais é impactado por esse contexto em foco.

Nesse sentido, as pistas cartográficas apresentadas podem servir de inspiração para tradutores, intérpretes e professores da educação de/com surdos sobre os procedimentos necessários para se pensar uma modalidade educacional voltada para o público surdo, focada na valorização da língua de sinais em um ambiente educacional bilíngue. Trata-se, portanto, de pensar a tradução na esfera educacional intimamente comprometida com o fazer educativo e criativo.

Referências

- ALBRES, N. de A. *Intérprete Educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva*. São Paulo: Harmonia, 2015.
- BENJAMIN, W. *A tarefa do tradutor: quatro traduções para o português*. Organização de Lucia Castello Branco. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.
- CAMPOS, A. de; CAMPOS, H. de; outros. *Traduzir & trovar*. São Paulo: Papyrus, 1968.
- CHESTERMAN, A. O Nome e a Natureza dos Estudos do Tradutor. *Belas Infêis*, v. 3, n. 2, p. 33–42, 3 fev. 2014.
- CHESTERMAN, A. Questions in the Sociology of Translation. In: DUARTE, J. F. *et al.* (org.). *Translation studies at the interface of disciplines*. Amsterdã: John Benjamins, 2006. p. 9-27.
- FERNANDES, A.; QUEIROZ, J. Transcrição e crítica literária: Haroldo de Campos e o papel epistêmico do ícone. *Cadernos De Tradução*, n. 42, v. 1, p. 1–22, 2022.
- GALASSO, B. J. B; LOPEZ, M. R. S.; SEVERINO, R. M.; LIMA, R. G.; TEIXEIRA, D. E. Processo de produção de materiais didáticos bilíngues do Instituto Nacional de Educação de Surdos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 24, n.1, p. 59-72, 2018.
- HOLMES, J. S. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*, Amsterdam: Ropodi, 1988.
- JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation. In: Brower R. (Ed.). *On Translation*. Harvard University Press, 1959. pp. 232-239
- KAINDL, K. A theoretical framework for a multimodal conception of translation. Monica Boria, Ángeles Carreres, María Noriega-Sánchez, Marcus Tomalin (eds.). *Translation and Multimodality: beyond words*. London: Routledge, 2020, p. 49-70.
- KRESS, G. R. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London & New York: Routledge, 2010.

LEMOS, G. de S. *A Multimodalidade na Tradução e na Interpretação das Línguas de Sinais: teorias, práticas e ensino*. 2021. 36 f. “Tópicos em Linguagem, sentido e tradução – Estudos da Adaptação: Intersemiotividade, Multimodalidade e Intermidialidade” – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LEMOS, G. de S.; SILVA, N. F. Análise de etapas tradutórias em Libras como proposta de produção de texto-vídeo de saúde pública. *Revista Letras* (UFSM/ON-LINE), v. 33, p. 01-21, 2024.

PAGURA, R. J. Tradução & Interpretação. In: Amorim, Lauro Maia; Rodrigues, Cristina Carneiro; Stupiello, Érika Nogueira de Andrade. *Tradução: perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Unesp Digital, 2015 p.183–207. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614-09.pdf>. Acesso em: 10/05/2025

PIRES, E. G. Experiência e linguagem em Walter Benjamin. *Educação e Pesquisa*, v. 40, n. 3, 813–828, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022014041524>. Acesso em: 11/05/2025

RIBEIRO, T. S.; JANOARIO, R. de S. Por que ensurdecer a educação de surdos? *Communitas*, Rio Branco, v. 3, n. 5, p. 137–156, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/2653>. Acesso em: 15 maio. 2025.

RODRIGUES, C. H.; SANTOS, S. A. dos. A Interpretação e a Tradução de/para Línguas de Sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. *Tradução Em Revista*, v. 2018, p. 1-29, 2018.

SANTOS, W. M. dos. *A tradução Português-Libras em debates políticos televisionados no Brasil: intermodalidade e competência interpretativa*. 2020. 156 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

VASCONCELLOS, M. L.; BARTHOLAMEI JR., L. A. *Estudos da Tradução I*. Universidade Federal de Santa Catarina: 2009.

Recebido em: 10/06/2025.

Aceito em: 20/08/2025.